

POSSIBILIDADES E SUGESTÕES PARA A PRODUÇÃO DE UM TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO EM ANTROPOLOGIA¹

Gabriel Cortezi Schefer Cardoso²

Resumo: Este ensaio apresenta uma versão transcrita e ampliada de uma fala proferida no evento TCCendo 2025, promovido pelo PET Ciências Sociais – UFRGS. O trabalho visa construir possibilidades, informações e rotas para a produção de um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em Ciências Sociais, com foco na Antropologia Social. Neste trabalho apresento os caminhos e rotas que tracei para a construção do meu TCC, discorrendo sobre os processos que deram forma à pesquisa e ao trabalho escrito. No TCC, desenvolvo um relatório de experiência e uma pesquisa que resultou em um curso de extensão no Ensino Médio sobre análise de imagens. Busco pontuar informações pertinentes para graduandos na área, debatendo os desafios e possibilidades de construção de um trabalho que, para muitos, se mostra desafiador.

Palavras-Chave: Trabalho de Conclusão de Curso; Antropologia Social; Antropologia Visual; Relato de Experiência.

INTRODUÇÃO

Este ensaio apresenta uma versão modificada da minha fala no TCCendo 2025, evento realizado pelo PET Ciências Sociais da UFRGS³. O objetivo é apresentar os caminhos que percorri para a realização do meu trabalho de conclusão de curso (TCC) em Ciências Sociais – Antropologia. Desenvolvido no âmbito da Antropologia Visual, o trabalho foi resultado de um curso de extensão na Educação Básica sobre análise de imagens. A escrita deste tipo de produção é uma tarefa que pode parecer extremamente difícil para um graduando. No entanto, sua finalidade serve para demonstrar a aptidão dos conhecimentos adquiridos ao longo da formação universitária.

Nesse sentido, ao longo deste ensaio, irei, algumas vezes, reforçar que um bom TCC não é mirabolante ou extremamente inovador, mas deve apresentar uma reflexão consistente e bem fundamentada sobre o tópico escolhido pelo estudante. Bem como salienta Diniz (2013), a definição da pesquisa é a etapa crucial e deve ser feita de forma minuciosa: é preciso eleger uma temática a qual já se tenha familiaridade durante a graduação e investigar questões que movimentam seus interesses. Afinal, a pesquisa precisa ser feita com prazer e felicidade.

¹ Este trabalho deriva de uma palestra no evento “TCCendo 2025” do PET – Ciências Sociais.

² Mestrando em Antropologia Social no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. gcortezisc@gmail.com

³ Agradeço ao PET Ciências Sociais pelo convite. Ao passo que é uma fala proferida em um evento, evitei modificar os tons coloquiais para manter o sentido e uma fluidez estilísticas da narrativa.

Ao rememorar e apresentar tal elaboração, pretendo mostrar como essa etapa é cheia de momentos felizes, agonias e dificuldades inevitáveis, um pouco de humilhação, adaptabilidade e encorajamento. Este relato, repleto de dicas, sugestões e informações sobre a realização do meu TCC em Antropologia, ilustra como a pesquisa pode ser um processo vivo e gratificante. Contra a narrativa de um ritual de passagem penoso e traumático, argumento, em diversos momentos do texto, que, com organização, persistência e boas companhias, é possível que a partir dessa etapa surja não apenas um Trabalho de Conclusão de Curso, mas uma experiência intelectual transformadora e, sim, feliz.

A REALIZAÇÃO DO TCC EM ANTROPOLOGIA

O TCCendo foi parte formativa da minha experiência enquanto graduando em Ciências Sociais na UFRGS. Durante a pandemia, acompanhei de perto a programação e participei em diversos encontros a fim de escutar as dicas e estratégias de colegas formandos. Me formei em dezembro de 2024, em meio ao turbilhão do último estágio docente, a seleção de mestrado em Antropologia Social da UFRGS, aos efeitos ainda persistentes da enchente e, claro, aos afazeres comuns da vida social. Dessa forma, inicio a narrativa do meu processo de realização da pesquisa pontuando cinco informações para manter em mente:

1. Vocês são alunos de graduação, ou seja, o que se espera de um trabalho de graduação é demonstrar a capacidade de mobilizar algumas teorias que vocês aprenderam ao longo do curso em uma narrativa discursiva-teórica que apresenta, com algum nível de abstração, que vocês são capazes de realizar uma pesquisa na área que vocês escolherem das Ciências Sociais;
2. Vocês não precisam escrever uma dissertação ou tese, não é esperado que o trabalho de vocês tenha o nível técnico de tais produções. Relembrando: vocês são graduandos e espera-se que vocês escrevam e pensem como tal. Um bom TCC costuma ter entre 30-60 páginas, conforme as sugestões da COMGRAD (Comissão de Graduação).
3. O trabalho não precisa ser grandioso, o tempo é curto e a vida não é somente ler Foucault, Lévi-Strauss e Marx. Organizem-se, façam calendários de metas, conversem com os orientadores de vocês com antecedência, escolham um tema que vocês tenham, nas palavras da minha orientadora, TESÃO. O tesão no assunto que estamos pesquisando faz as coisas serem muito mais interessantes e gostosas.

4. Utilizem as bases que vocês já possuem: fizeram uma iniciação científica? Participaram de projetos de extensão? Desenvolveu um projeto muito interessante? Transformem isso em algo e coloquem no mundo.
5. Por fim, encontrem um professor parceiro e que vocês tenham afinidade. O TCC é um momento extremamente feliz e é importante se sentir tranquilo durante o processo. Escolham também para a banca professores que vocês apreciam e que conhecem o tema que vocês vão trabalhar.

Agora, vamos ao meu TCC. Desde o final do meu primeiro semestre na graduação, realizei bolsas de Iniciação Científica (IC) com a professora Vi Grunvald, minha orientadora. Durante um ano e meio, produzi uma pesquisa sobre arte e censura. Posteriormente, devido aos cortes do governo Bolsonaro, perdi a bolsa e passei seis meses pesquisando voluntariamente. Em julho de 2022, a Vi me convidou para voltar como bolsista de IC no mesmo projeto. Na primeira reunião de apresentação da nova bolsa, ela me perguntou o que eu queria pesquisar e eu não fazia ideia, então respondi “*manda em mim*”. Ela, por sua vez, disse: “*mês que vem tem o Prêmio Pierre Verger, você vai trabalhar como um dos organizadores comigo e, depois que acabar, se você gostar do evento, você pode pesquisar sobre as mostras fotográficas e sobre o Pierre Verger pensando análise de imagem e Antropologia Visual*”.

Como já estava inserido na Antropologia Visual, topei o desafio da análise de imagens. Eu estava no 6º semestre e permaneci nesta bolsa até novembro de 2023. Durante esse um ano e alguns meses, desenvolvi uma pesquisa extensa sobre análise de imagens dentro e fora do Brasil lendo teses, livros, dissertações e TCCs na área e pensando principalmente as imagens produzidas pelo fotógrafo Pierre Verger durante 1940, quando ele chega no Brasil, até sua morte em 1996.

Em maio de 2023, precisávamos começar a pensar em um resultado para a pesquisa para a apresentação do SIC em setembro. Eu tenho (ou tinha) uma forte resistência à escrita de artigos: não gosto de ficar escrevendo na frente do computador e não tinha algo inovador na minha pesquisa e não gostaria de publicar algo só por publicar. Então, sendo aluno de licenciatura, sugeri à Vi que desenvolvêssemos um curso de análise de imagens e arte para o Ensino Básico. Depois de meses de luta para achar uma escola parceira, ministrei o curso de extensão “Encontros com o social: fotografia e educação em lentes socioantropológicas”, de 11 de setembro até 20 de dezembro de 2023, no colégio Marechal Rondon em Canoas. Este

curso se tornou o meu trabalho de conclusão de curso em Licenciatura. Dentro do regimento do Trabalho de Conclusão em Licenciatura (TCL) há a oportunidade de se fazer relatórios de experiência docente no Ensino Básico.

Primeiro, para a realização da pesquisa, solicitei às alunas participantes que elas assinassem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Por se tratar de alunas de terceiro ano, com 17 anos de idade, foi necessário que seus pais também assinassem os termos. Além disso, como antropólogo, busquei que o trabalho fosse construído com minhas alunas-interlocutoras, possibilitando que a cada capítulo que fosse escrito elas tivessem acesso e pudessem contribuir com suas observações.

O processo de construção do trabalho foi relativamente tranquilo. Escolhi uma temática que eu já pesquisava há muito tempo e contei com uma orientadora que me deu muito suporte. Ademais, na disciplina de Projeto de TCC, ao conversar com o Prof. Caleb Farias, perguntei se, em vez de entregar um projeto, eu poderia entregar para ele o primeiro e o segundo capítulo do meu TCC como forma avaliativa da disciplina. Ele aceitou e foi extremamente solícito e querido. Ele leu esses dois capítulos comigo diversas vezes, fez atendimentos fora do horário de aula e fez comentários que transformaram o trabalho em algo ainda mais qualificado.

Ao longo da minha jornada acadêmica, sempre escutei que *“bons trabalhos são avaliados por nossos pares e passam por diversas versões até sua versão final”*. O meu texto teve oito versões. Até chegar na nona que a banca leu e a décima e última versão, com as correções sugeridas pela banca. Meu trabalho foi lido pelo Caleb, pela Vi, pela Luciane Uberti, da Faculdade de Educação, pelo meu pai – que é Mestre e professor de História –, por três colegas da graduação, por duas colegas da pós-graduação, apresentado e debatido em dois grupos de pesquisa e apresentado em mais de cinco congressos em 2024. Em cada um deles, eu apresentei um capítulo (ou até então ideia de capítulo) que foi debatido e aconselhado a ter novas leituras e modificações.

Portanto, esse trabalho foi lido, relido, reescrito e reavaliado por diversos professores, doutores e pesquisadores em diversos níveis. Isso significa que eu levei em conta tudo que as pessoas falaram? Óbvio que não! O trabalho é meu e somente eu e a Vi decidimos sobre os pitacos que deveriam entrar. Fazer nossos trabalhos circularem pelo mundo acadêmico permite, além de sermos vistos pelos nossos pares, que o produto final seja a melhor versão possível. Um bom trabalho acadêmico é, sobretudo, um diálogo com as teorias e nossos pares

trazendo à vida uma pesquisa que consegue refletir sobre temáticas significativas do mundo social que exploramos.

Sobre o processo de escrita, é fundamental que se leia trabalhos da sua área de interesse para observar como as pessoas organizam as narrativas de suas pesquisas. Meu trabalho intitulado *As Poéticas Das Imagens No Cotidiano: Experimentações Visuais Na Educação Básica* (2024), estrutura-se em quatro capítulos: o primeiro consiste numa introdução na qual apresento a construção do curso e os caminhos que trilhei até sua execução. Encerro a introdução com uma análise fílmica e imagética de *O labirinto do Fauno* (2006), pensando uma elucubração sobre a minha jornada como educador em paralelo aos desafios enfrentados pela personagem Ofélia:

Algumas pessoas interpretam o filme e as tarefas do labirinto do Fauno como a maneira pela qual uma criança escapa de uma realidade cruel. Ofélia, a todo momento, utiliza de recursos da imaginação social para ser crítica de sua realidade, questionando as ações de seu padrasto, o papel submisso de sua mãe e desafiando o Fauno que tenta, de certa forma, contê-la. A jornada de Ofélia é atravessada por todas as coisas que a educação e a aprendizagem precisam: uma mente imaginativa, um questionamento crítico da realidade e a capacidade de pensar mundos além.

Para mim, educar é ser eternamente Ofélia, pois entre erros e acertos, consigo me conectar aos estudantes, ouvir suas histórias, aprender sobre o mundo e ensinar sobre ele também. É nesse processo sem fim que vivo nos labirintos do fazer docente. (Cardoso, 2024, p. 18).

O segundo capítulo foi dividido em três partes: na primeira, faço esforços para relacionar teorias sobre educação, imagens e ciência, refletindo sobre as potências, poéticas e políticas do fazer docente ao ministrar um curso de análise de imagens. Na segunda parte, apresento todos os planejamentos de aula. Na terceira parte, apresento os meus diários de campo problematizando as experiências, refletindo sobre as dificuldades que encontrei e os aspectos que funcionaram bem.

No terceiro capítulo, intitulado *Desdobramentos*, mostro os resultados do curso, que culminou em duas exposições fotográficas realizadas pelas estudantes, tanto no colégio quanto na UFRGS. Cada uma delas produziu até dez imagens pensando “o encontro com o social” e refletindo sobre os aprendizados construídos ao longo do curso.

No último capítulo, desenvolvo uma conclusão conforme a estrutura convencional de todos os trabalhos acadêmicos: retomo os pontos centrais, discuto os limites da pesquisa e sugiro rotas para que trabalhos futuros obtenham melhores resultados, problematizo, mais uma vez, a potência, poética e política das imagens e finalizo reforçando a importância da educação de qualidade e gratuita e as pontes entre educação básica e universidade.

Gostaria de ressaltar que este trabalho teve o privilégio de ser financiado por uma bolsa de IC, o que não é a realidade para todos os estudantes. Tive a possibilidade de ter dois anos de pesquisa e mais um ano para escrever o trabalho, ser avaliado, reescrito e repensado. Muitos alunos de graduação chegam no semestre do TCC apenas com uma ideia e um sonho para falarem com algum professor.

Reitero meus pontos assinalados no início e, sobretudo, enfatizo: busquem sobre os professores e as áreas de pesquisa que possam despertar seu interesse. Consultem na plataforma Lattes, leiam o que eles veem produzindo e, caso vocês encontrem alguém que pesquise o que vocês têm interesse, entrem em contato com esses professores e verifiquem se eles estão com disponibilidade de orientação. Não tenham receio de procurá-los: marquem conversas, falem com eles depois das aulas, busquem os grupos de pesquisa e se fortaleçam nas suas próprias redes de apoio entre os colegas da graduação e pós-graduação. Juntos, podemos criar redes de pesquisa, apoio, trocar alguns textos e ideias. Sejam curiosos e atentos à realidade. Escolham temas atuais e que sejam possíveis de serem problematizados e, ao mesmo tempo, sejam realistas com o tempo que vocês têm para escrever e realizar o TCC, se forem passar pelo Comitê de Ética ou não (demora quase um ano), então planejem-se com antecedência.

Muitas pessoas descrevem a experiência do TCC como traumática e não prazerosa. No meu caso, vivi uma experiência extremamente positiva nesse processo, mas porque além de ter uma orientadora que compartilhamos um laço de confiança mútua, eu tinha muita certeza da potência do meu trabalho e acreditava nele. Além disso, como citado anteriormente, tive muitas pessoas que me apoiaram nesse processo e conduzi o trabalho com calma e elaborando cronogramas realistas com a minha realidade para a sua realização.

Outro aspecto importante: pode ter soado, a partir do que relatei, que eu e a Vi tivemos inúmeras reuniões para falar sobre o TCC, o que não é uma verdade. Durante a IC, tínhamos reuniões regulares a cada três meses, com reuniões extras apenas quando necessário. Já durante a realização da escrita do TCC em 2024, fizemos apenas quatro reuniões e trocamos alguns e-mails, nos quais ela me sugeria alguma leitura ou fazia comentários pontuais. O trabalho acadêmico é muito além dos nossos orientadores, afinal, eles nos orientam e guiam, mas não são babás que precisam verificar todas as vírgulas que escrevemos. Por isso, saliento a importância de vocês se qualificarem: façam os cursos oferecidos pela UFRGS, pelas atividades de extensão sobre teoria e escrita, participem de grupos de pesquisa e, sobretudo, leiam muito.

Concluo minha fala retomando o que foi dito anteriormente. Primeiro, busquem temas que lhes interessem e, em seguida, entrem em contato com os potenciais orientadores e elaborem cronogramas realistas. Leiam os trabalhos já produzidos nas áreas de vocês, compreendam como se estrutura e funciona a temática de pesquisa de vocês, observem as formas narrativas e discursivas, as metodologias empregadas pelos pesquisadores e reflitam nas estruturas que fundamentam os trabalhos de vocês. Não tenham medo de pedir ajuda, inclusive solicitando que algum professor que não seja orientador de vocês leia partes do texto.

A própria Vi, por exemplo, recomendou que eu buscasse uma professora da Educação para avaliar junto dela a escrita do segundo capítulo, dado o fato que a Vi reconhece seus limites sobre as teorias da área específica da educação e currículo. É fundamental que nossos orientadores tenham a humildade de reconhecer suas fronteiras de conhecimento e nos incentivem a buscar outras fontes que contribuam para a qualificação e qualidade do trabalho ao longo do processo. Também é válido pedir sugestões para amigos, pais e colegas de curso para que eles deem suas sugestões aos trabalhos de vocês e, ainda, se possível apresentem-se em congressos para ampliar o debate.

Afirmo e atesto que a produção do TCC pode – e deve – ser muito feliz. A realização do meu TCC foi extremamente gratificante e interessante. Percebe-se que sua produção continua reverberando de diversas maneiras e está mesa redonda é um reflexo disso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A trajetória que apresentei nesta mesa redonda sobre produções de trabalhos de conclusão de curso em Ciências Sociais revelou a organização, desafios e algumas dicas para a construção de um TCC, de modo que o processo seja proveitoso e pouco frustrante. Discuto e argumento que um TCC não precisa ser mirabolante e devemos trabalhar dentro das condições que nos são oferecidas e *possíveis*. As melhores apostas nessa etapa da formação consistem num conhecimento crítico e aprofundado em interesses de pesquisa com os quais o discente já tenha algum nível de afinidade.

Um dos pilares centrais para essa construção reside no planejamento realista e na gestão do tempo. A ênfase na elaboração de cronogramas exequíveis, o aproveitamento de bases anteriores, como iniciações científicas, projetos de extensão ou estágios realizados em outras instituições. Essa organização prática, aliada à escolha de um tema pelo qual se tenha

interesse e familiaridade, converte a pesquisa em uma tarefa prazerosa e gratificante, e não em um fardo a ser suportado.

A dimensão coletiva e dialógica do trabalho acadêmico mostra-se potente em uma etapa que pode ser, infelizmente, extremamente solitária. Como exemplifiquei, um TCC robusto é forjado na circulação e no debate: entre orientador e orientando, em grupos de pesquisa, em congressos e na leitura crítica por pares e por especialistas de áreas afins. Esse processo de circular o trabalho pelo meio acadêmico, incorporando sugestões de forma crítica, é o que permite o aprimoramento contínuo da escrita e do pensamento.

Portanto, o TCC configura-se como uma prática formativa que ensina a conduzir uma pesquisa, elaborar reflexões sobre metodologias e teorias e exercitar o pensamento social e crítico. Ele demanda curiosidade, proatividade na busca por orientação e redes de apoio, e a coragem de colocar as ideias em circulação para teste e refinamento. A passagem pela graduação se consolida, assim, não apenas pela absorção de conteúdo, mas pelo domínio de um ofício: o ofício de investigar, argumentar e contribuir, ainda que inicialmente, para uma conversa acadêmica mais ampla.

Por fim, a minha fala no evento buscou incentivar graduandos a enfrentarem o TCC sem receios e aposta em uma experiência transformadora e, sobretudo, que fique marcada na memória. Esse momento não apenas sinaliza o final da graduação, mas também firma a conclusão do curso com uma temática que não somente movimentava interesses pessoais, mas reflete e reverbera na busca por uma sociedade mais democrática e justa. Defendo que esse momento deve ser significado pelo prazer da realização de uma pesquisa que fomente não somente o imaginário do ofício do cientista social, mas os desejos e as paixões do pesquisador. Contra um imaginário do esgotamento e da solidão, invisto e afirmo na possibilidade de um percurso de aprendizado que resulta em um trabalho feito com dedicação, paixão e reflexões consistentes, contribuindo para a ciência e a sociedade.

REFERÊNCIAS

CARDOSO, Gabriel Cortezi Schefer. **As poéticas das imagens no cotidiano: experimentações visuais na educação básica**. 2024. 116 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2024.

DINIZ, Débora. **Carta de uma orientadora: o primeiro projeto de pesquisa**. 2 ed. Brasília: LetrasLivres, 2013.

O LABIRINTO DO FAUNO. Direção: Guillermo Del Toro. Estados Unidos da América, México e Espanha, Warner Bros. Pictures, 2006. 118min.

Artigo recebido em 25/12/2025.

Aprovado em 29/08/2026.